

São Borja

Transformações no Espaço Agropecuário: O Processo de Despecuarização

MERI LOUDES BEZZI¹

LUCIA HELENA DE OLIVEIRA GERARDI²

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho resume a dissertação de mestrado sob o mesmo título, apresentada ao curso de Pós-Graduação em Geografia da UNESP em Rio Claro. A escolha deste tema foi determinada pelo fato de não haver na bibliografia geográfica do Rio Grande do Sul e do Brasil estudos específicos sobre a área (São Borja) e sobre o processo de despecuarização espacial nela existente, ainda. É um trabalho cuja preocupação central se respalda na constatação de um novo ciclo econômico na MRH 321 — Campanha (IBGE), particularmente, no município de São Borja, conhecido em todo o Rio Grande do Sul como área tradicional de pecuária. Já que essa área passa por um rearranjo no uso do solo, oposto ao de certas regiões do país onde a pecuária tem se expandido em detrimento da agricultura, considerou-se relevante o estudo desta problemática.

INTRODUÇÃO

A análise da estrutura da produção agrária no Rio Grande do Sul distingue três segmentos: agropecuária colonial, pecuária tradicional e a lavoura empresarial. O presente estudo se deteve nos dois últimos segmentos, dando ênfase ao último, uma vez que o processo de crescimento da agricultura gaúcha se dá sob a liderança da lavoura empresarial, que imprimiu ritmo à expansão da

¹ Departamento de Geociências — Universidade Federal de Santa Maria — RS.

² Departamento de Planejamento Regional — IGCE — UNESP, Campus de Rio Claro.
Orientadora da Dissertação.

economia através das capitalizações do arroz (anos vinte), do trigo (fins da década de quarenta) e da soja (sobretudo a partir de 1970).

Quando da necessidade de se especificar o processo que se denominou de *despequarização espacial* tomou-se por base estudos da FEE (1978:94), Kücheman (1980:116) e Tambara (1983:38) que permitiram conceituar despequarização espacial como a cessão de terras por parte de latifúndio pastoril à lavoura empresarial mecanizada, sob a forma predominantemente temporária, concretizada na parceria e no arrendamento.

A pecuária tradicional começou a perder substância, e o fenômeno se tornou transparente quando os terrenos férteis ocupados por esse segmento começaram a aparecer no mercado de terras para alugar. Para o segmento pecuarista como um todo, o importante é a manutenção de um certo nível de renda que pode ser alcançado tanto através do lucro mercantil da pecuária, sem alteração de sua estrutura técnica de produção, quanto através da renda da terra, cedendo seu espaço econômico para o segmento da agricultura capitalista. (FEE, 1978:94)

Em função da fase de transformação que está ocorrendo na Campanha, nota-se que os criadores gaúchos tradicionais, embora perfeitamente aptos para explorar as diferentes variedades de pastos naturais, não conseguiram impedir a decadência que só não atingiu, até agora, alguns setores particularmente ricos do campo. Entretanto, a tradição e o isolamento dominariam ainda a Campanha do Rio Grande do Sul se uma rápida evolução, iniciada nos anos 50, não houvesse bruscamente introduzido a grande exploração agrícola de um século XX moderno, conforme Pébayle (1971:49) “numa tranqüila paisagem pastoril quase duas vezes secular”.

A região oeste do Estado gaúcho corresponde, segundo constatação empírica e bibliográfica, a uma área da pecuária tradicional. Nela estaria ocorrendo um processo de mudança capaz de permitir a penetração da agricultura empresarial através da incorporação de terras da pecuária, inserindo-a, assim, num novo contexto econômico.

O desejo de investigar esse rearranjo espacial do uso do solo em uma área de pecuária tradicional em transição, direcionou a escolha do local de pesquisa para a fronteira oeste do Estado.

O espaço estudado corresponde ao município de São Borja, o qual compõe, juntamente com os municípios de Alegrete, Bagé, Cacequi, Dom Pedrito, Itaqui, Quaraí, Rosário do Sul, Santana do Livramento, Santo Antônio das Missões, São Gabriel e Uruguai, a Microrregião Homogênea 321 (IBGE), denominada Campanha (Figura 1).

Buscando precisar o entrelaçamento econômico da atividade pecuarista com a agrícola no Estado e, particularmente, no município de São Borja, o trabalho direcionou-se para a procura da confirmação das seguintes hipóteses: (1) a expansão da lavoura empresarial sobre as terras antes vinculadas à pecuária provavelmente deu-se pelo fato de que em 1940 se esgotava, em termos

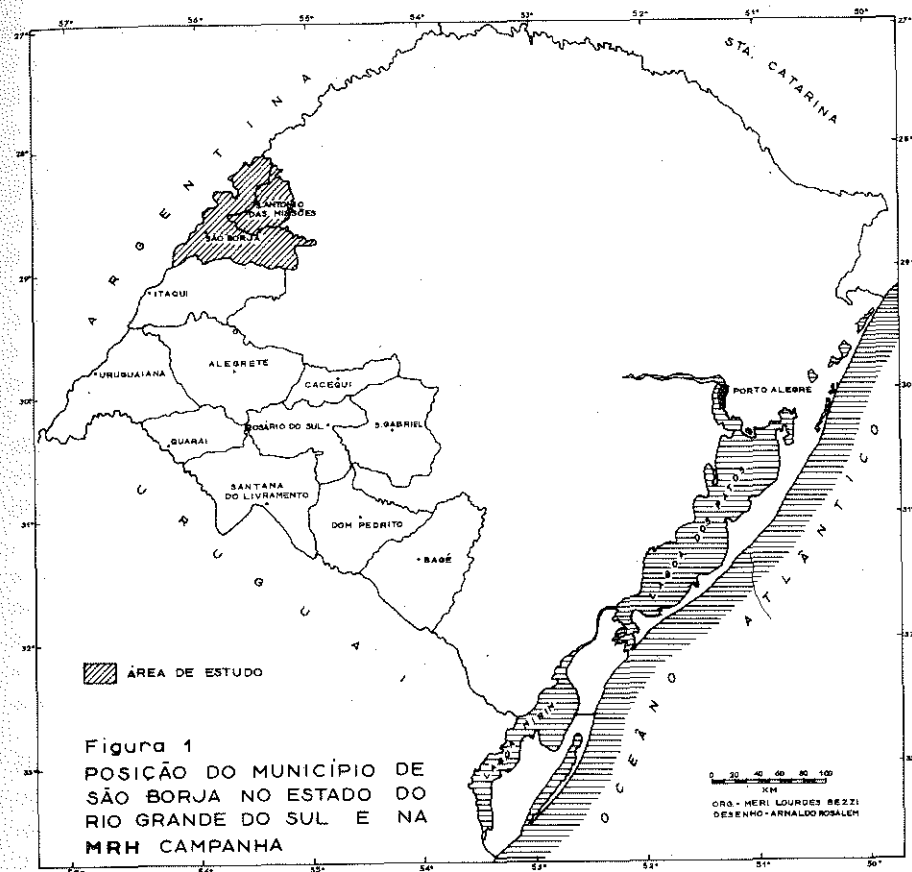


Figura 1
POSIÇÃO DO MUNICÍPIO DE
SÃO BORJA NO ESTADO DO
RIO GRANDE DO SUL E NA
MRH CAMPANHA

de apropriação, a fronteira agrícola interna do Estado; (2) a ocupação pela agricultura das áreas, anteriormente utilizadas só com pecuária, ocorreu devido à fertilidade do solo e, também, por essa área possuir relevo constituído por coxilhas e várzeas, sobre as quais a lavoura empresarial encontraria condições favoráveis ao desenvolvimento de culturas mecanizadas, como o arroz, trigo e soja; (3) a agricultura se desenvolveu nesta área mediante as políticas governamentais, através de incentivos oficiais às exportações e, principalmente, ao crédito subsidiado para a aquisição de máquinas e implementos agrícolas e de insumos modernos, que proporcionaram níveis de rentabilidade que permitem arcar com elevados custos dos investimentos; (4) a ocorrência de doenças e epidemias ou de sucessivas secas e invernos rigorosos, fazendo com que a produtividade do rebanho diminuisse consideravelmente; o próprio custo dos investimentos dispendidos pelo pecuarista para reconstituir e melhorar o rebanho danificado, e a falta de subsídios governamentais a que está relegada a pecuária fez com que os pecuaristas optassem por uma atividade de menor ônus — a agricultura — através da prática da mesma ou do arrendamento de suas terras; (5) a euforia do chamado “milagre brasileiro” entre 70/75, com o cultivo do binômio trigo/soja, que fez com que muitos pecuaristas tradicionais iludidos pelos lucros, passassem a ocupar parte de suas terras com estas culturas, reduzindo desta forma a área ocupada pela pecuária, embora também esta sofresse um processo de desenvolvimento através das pastagens artificiais, melhoramento de raças, vacinas, inseminação artificial e outras alternativas.

Dentro dessa perspectiva, a análise teve como pontos fundamentais: (1) identificar o marco temporal, a partir do qual o processo de despecuarização se inicia no município; (2) estabelecer o grau de relação existente entre o processo de despecuarização e a presença da pecuária e da lavoura empresarial; (3) avaliar o papel da pecuária e da agricultura na organização do espaço agrário gaúcho; (4) identificar os elementos propulsores do processo de substituição da pecuária pela agricultura, do ponto de vista da ocupação do espaço e, (5) avaliar a importância espacial e econômica do processo de despecuarização em São Borja.

EVOLUÇÃO DA EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA E PECUÁRIA NO RIO GRANDE DO SUL E EM SÃO BORJA

Na análise evolutiva sobre a agropecuária que caracteriza a base da economia gaúcha, necessário se faz considerar as limitações e os vínculos desta economia a níveis nacional e internacional. Desta forma, é necessário antes de uma análise propriamente dita dos dados, retomar-se o modelo de desenvolvimento regional assumido ao longo da história e analisar seus rumos. Tal raciocínio é reforçado em Carrion Jr., (1981:16).

Para a apreensão do modelo político-econômico nacional pode-se periodizar três momentos, nos quais a economia regional esteve ligada ao padrão da acumulação nacional. Essa periodização baseia-se em estudos da FEE (1978).

Pode-se estabelecer um primeiro momento (1939-56), no qual o Estado estaria vinculado ao padrão de acumulação representado pela produção de bens de consumo não duráveis. Um segundo momento (1956-68), a nível nacional ocorreu a organização de um novo padrão de acumulação centrado em bens de consumo duráveis e apoiados por empresas estatais e, o terceiro momento (1960:80) marcado pela presença do modelo exportador a nível nacional. O setor agrícola regional assumiu a posição de exportador interno e externo, gerando assim divisas essenciais às importações sofisticadas do centro-sul.

A respeito da evolução da área das lavouras, a análise mostra, para os anos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1975 e 1980, o predomínio da lavoura temporária, a qual sempre ocupou maiores áreas, tanto no Estado como no município (Figuras 2 e 3).

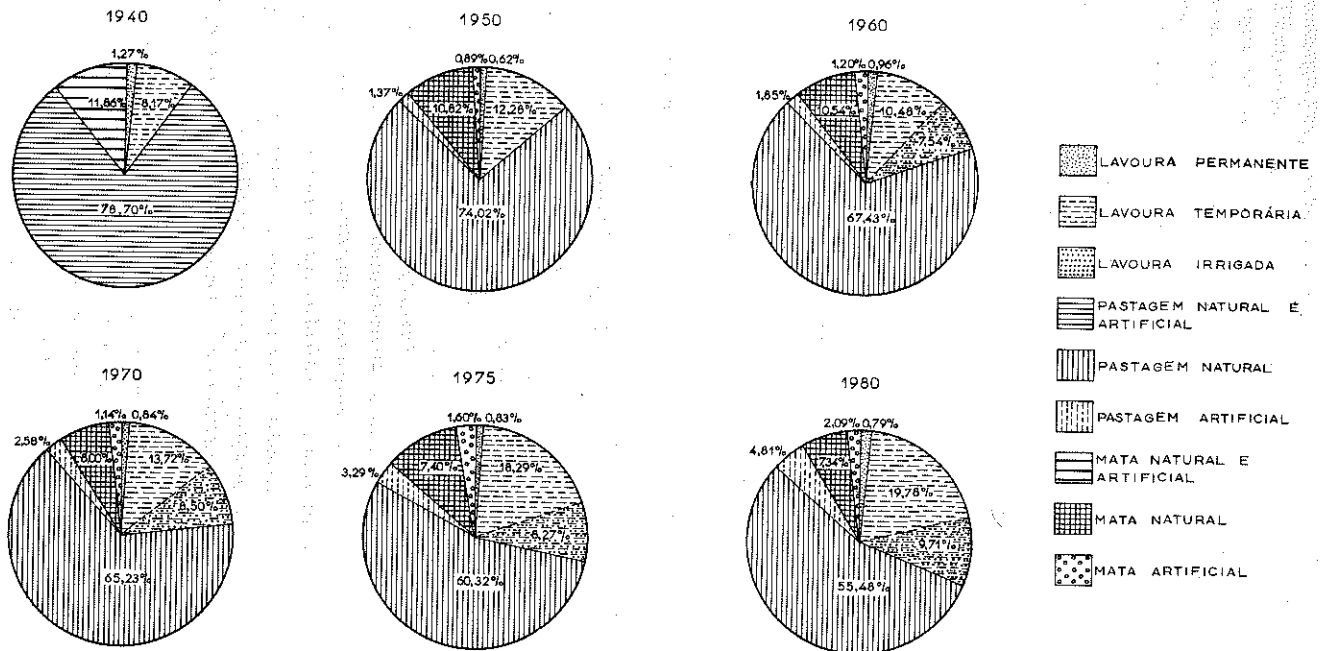
O predomínio da lavoura temporária tanto no Estado como no município é explicado principalmente por essa lavoura ter sob seu domínio produtos que, como o arroz e o trigo, visam ao abastecimento interno e a soja, que abastece o mercado externo. Devido ao sucessivo crescimento destes três produtos, a lavoura empresarial aos poucos fixou-se e ocupou terras arrendadas, fazendo com que a pecuária, para poder acompanhar o processo de modernização, se racionalizasse buscando, através da seleção de raças, vacinas, rodízio de pastagens, condições de manter e/ou aumentar a produtividade.

Com a soja e o trigo cultivados em pequenas, médias e grandes propriedades absorvidas tanto pelo mercado interno (principalmente o trigo) quanto o externo, a indústria gaúcha ganha um grande impulso, pois além de auxiliar a garantia da reprodução da força de trabalho, poupa divisas, evidenciando, assim, o papel decisivo que a lavoura empresarial desempenha no Rio Grande do Sul como geradora de divisas. Ressalta-se, também, que esse segmento produtivo, à medida que utiliza intensivamente os meios de produção, se constitui em mercado para máquinas, implementos, adubos, fertilizantes e insumos químicos em geral, produzidos pelo segmento fabril da economia.

A partir de 1960, o Estado busca um maior desenvolvimento que se apóia na canalização de investimentos em produtos do setor urbano-industrial para a lavoura capitalista empresarial denominada “a fase de penetração do capitalismo no campo gaúcho”.

Desta forma, as lavouras temporárias, quer no Rio Grande do Sul, quer em São Borja, desenvolveram-se atendendo ao mercado interno e externo, propiciando divisas ao país e possuindo toda uma política de incentivos agrícolas que facilitou e acelerou o processo de adoção de técnicas modernas na agricultura gaúcha. Este se constitui em um importante motivo que relegou a lavoura permanente a um segundo plano na economia do Estado e do Município.

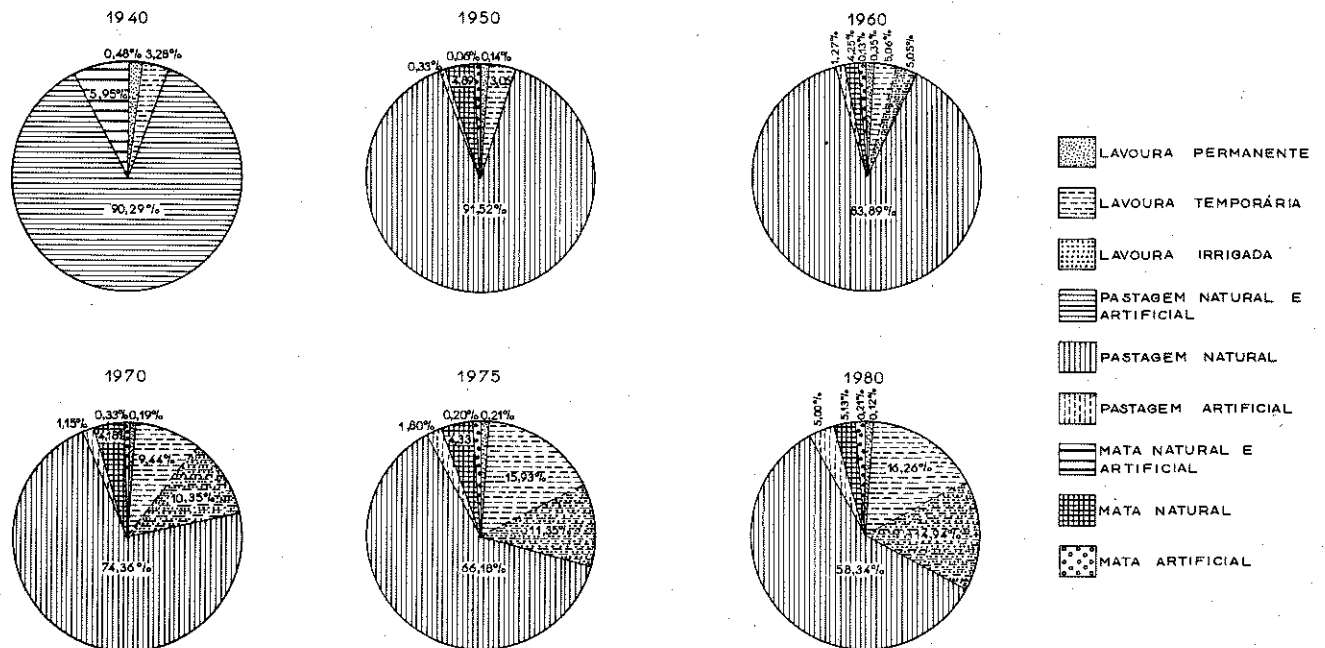
Figura 2 - ORGANIZAÇÃO DA TERRA - RIO GRANDE DO SUL - 1940-1980



Fonte: FIBGE Censos Econômicos de 1940 e 1950, Censo Agrícola de 1960 e Censos Agropecuários de 1970, 1975 e 1980
 Desenho: Arnaldo Rosalem/85

Org. Meri Lourdes Bezzi

Figura 3 - ORGANIZAÇÃO DA TERRA - SÃO BORJA - RS - 1940-1980



Fonte: FIBGE Censos Econômicos de 1940 e 1950, Censo Agrícola de 1960 e Censos Agropecuários de 1970, 1975 e 1980
 Desenho: Arnaldo Rosalem/85

Org. Meri Lourdes Bezzi

A acumulação recente no campo gaúcho aparece na combinação de duas culturas altamente comercializáveis: uma de inverno, o trigo, e outra de verão, a soja. Isso permitiu usar mais intensivamente a terra, diminuir a ociosidade das máquinas e equipamentos, e usufruir mais racionalmente de adubos e fertilizantes. Esta modernização no setor primário possibilitou o surgimento no Estado de um parque responsável pela fabricação de tratores, colhedeiras, fertilizantes, etc.

Pode-se destacar que no Rio Grande do Sul a soja e o trigo aliam-se, constituindo uma empresa rural capitalista, capaz de produzir duas safras anuais com resultados econômicos ponderáveis.

Assim, a lavoura empresarial avança rapidamente, através do binômio trigo/soja, estimulada por uma gama de incentivos, tais como: preços elevados no mercado internacional, grande eficácia do sistema cooperativo na política de comercialização e difusão de técnicas, estímulos fiscais e política de financiamentos públicos, vantagens às indústrias ligadas ao setor e a alta capacidade de absorção do mercado internacional do produto. Esta lavoura ocupa não só os espaços vazios da economia como cria pela primeira vez na história gaúcha uma forte liquidez dos imóveis rurais, o que, por si só, determina o fim do equilíbrio anteriormente existente nos demais segmentos. (Carrion Jr., 1981:34).

Analisando-se as áreas de pastagens naturais e plantadas, predominam tanto no Estado como no município, por questões ecológicas, as naturais. Entretanto, estas têm apresentado decréscimos em relação à área das pastagens plantadas.

As pastagens naturais têm, desde 1940, tendências decrescentes quanto à ocupação do espaço, quer por substituição por pastagens artificiais, quer por substituição por lavouras temporárias, principalmente em São Borja. (Figuras 2 e 3).

Este crescimento da área de pastagens plantadas pode ser explicado pelo próprio crescimento das lavouras temporárias, representadas pelas culturas do arroz, trigo e soja, as quais necessitam para o seu desenvolvimento de solos férteis e propícios à mecanização (que são justamente aquelas ocupadas por pastagens naturais) fazendo com que a pecuária, uma vez que perde estes espaços, procure contrabalançar a perda através do plantio de pastagens, para a alimentação dos rebanhos que, de qualquer maneira, não diminuem.

A análise das tabelas 1 e 2 permite evidenciar que, num período de 40 anos, tanto no Estado como no município, dobrou o número de rês/ha. Confirma-se assim que a crescente penetração da lavoura empresarial do arroz, trigo e soja, em áreas tradicionalmente de pecuária, fez com que o rebanho bovino e ovino cedesse espaços, e deste modo, o proprietário é obrigado a confiná-los em área menor e, conseqüentemente, necessita suprir essa perda de área/rês por uma complementação na alimentação através de pastagens

artificiais, de poteiros de rodízios, vacinas e todos os melhoramentos requeridos para chegar a um método racional de criação.

Feitas as análises de acordo com a organização da terra no Estado e no município, necessário se faz estabelecer os produtos que contribuíram para o processo de despecuarização espacial em São Borja. Esta segue um relacionamento entre as áreas de pecuária; das lavouras e dos produtos predominantes para os períodos analisados.

No período de 1950 e 1960 destaca-se, pela área e produção, que é o trigo, o produto que nestas décadas estaria provocando o processo de recuo da pecuária. Em 1970 o binômio trigo/soja é o responsável pela despecuarização espacial, enquanto que em 1980 a soja lidera o processo. Infere-se que a partir de 1985 o arroz e a soja continuam a liderar o processo de despecuarização espacial do município.

A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E A ESTRUTURA FUNDIÁRIA

A modernização da agricultura, representada pelo uso de tecnologia e insumos modernos, acarreta impactos e transformações tanto na estrutura interna quanto nas relações da agricultura com os outros setores.

Nestas condições, procurou-se examinar como se constitui a base técnica da agricultura capitalista no Rio Grande do Sul e em São Borja, identificando os períodos em que se deram os saltos qualitativos e/ou quantitativos no uso da mecanização, buscando as justificativas tanto para a sua constituição como para as transformações por ela sofridas nas necessidades de um ou outro padrão de acumulação.

A estrutura fundiária do Estado baseia-se em três subsistemas heterogêneos: as regiões de pequenas propriedades (policulturas); as grandes propriedades (pecuária) e as regiões caracterizadas pelas lavouras empresariais (arroz, trigo e soja).

No município, a estrutura fundiária, apesar de apresentar os três subsistemas anteriormente mencionados, caracteriza-se pela presença principalmente das grandes propriedades (Pecuária) e pelas lavouras empresariais. Importante se faz nos reportarmos aos fatos históricos os quais ressaltam a importância da pecuária neste município. Isto nos adverte para a presença das grandes propriedades características da zona da Campanha do Rio Grande do Sul, e para o processo de despecuarização através do rearranjo do solo pelo qual este município está passando.

O movimento concentrador da terra em São Borja (medida através do Índice de Gini) é conseqüência do processo histórico, ou seja, do predomínio da pecuária extensiva, que reserva para si grandes extensões de terra, o que justifica a presença de grandes áreas com pastagens naturais no município.

Tabela 1
ORGANIZAÇÃO DA TERRA: ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL — 1940-80 (em ha e%)

Ano	Lavouras (ha)		Área de Lavouras (%)		Área de Pastagens (ha)		Área de Pastagens (%)		Área de Matas (ha)		Área de Matas (%)		Área de Terras Irrigadas (ha)	Área de Terras Irrigadas (%)
	Perman.	Tempor.	Perman.	Tempor.	Natur.	Plant.	Natur.	Plant.	Natur.	Plant.	Natur.	Plant.		
1940	228.518	1.471.913	1,27	8,17	* ₁ 14.184.613	* ₁	* ₁ 78,70	* ₁	* ₂ 2.139.273	* ₂	* ₂ 11,86	* ₂	—	—
1950	120.993	2.381.698	0,62	12,28	14.352.549	263.628	74,02	1,37	2.097.954	172.848	10,82	0,89	—	—
1960	186.971	3.522.810	0,96	18,02	13.178.558	361.316	67,43	1,85	2.060.637	234.512	10,54	1,20	265.556	7,54
1970	180.763	4.794.410	0,84	22,22	14.077.981	557.005	65,23	2,58	1.725.837	245.764	8,00	1,14	407.496	8,50
1975	178.896	5.750.594	0,83	26,56	13.061.024	711.864	60,32	3,29	1.602.865	345.999	7,40	1,60	475.738	8,27
1980	175.325	6.507.288	0,79	29,49	12.241.472	1.060.843	55,48	4,81	1.618.556	461.679	7,34	2,09	631.699	9,71

Fonte: FIBGE Censos Econômicos de 1940 e 1950, Censo Agrícola de 1960 e Censos Agropecuários de 1970, 1975 e 1980.

*₁ incluídas pastagens Naturais e Plantadas

*₂ incluídas Matas Naturais e Plantadas

— dados inexistentes

Tabela 2
ORGANIZAÇÃO DA TERRA — SÃO BORJA — 1940-80 (em ha e %)

Ano	Lavouras (ha)		Lavouras (%)		Pastagens (ha)		Pastagens (%)		Matas (ha)		Matas (%)		Área de Terras Irrigadas (ha)	Área de Terras Irrigadas (%)
	Perm.	Temp.	Perm.	Temp.	Nat.	Plant.	Nat.	Plant.	Nat.	Plant.	Nat.	Plant.		
1940	2.427	16.479	0,48	3,28	* ₁ 453.465	* ₁	* ₁ 90,29	* ₁	* ₂ 29.907	* ₂	* ₂ 5,95	* ₂	—	—
1950	813	18.427	0,14	3,06	551.082	1.992	91,52	0,33	29.450	342	4,89	0,06	—	—
1960	1.833	52.755	0,35	10,11	437.759	6.628	83,89	1,27	22.175	668	4,25	0,13	2.667	5,05
1970	1.157	122.011	0,19	19,79	458.506	7.073	74,36	1,15	25.768	2.068	4,18	0,33	12.626	10,35
1975	1.329	173.124	0,21	27,28	419.888	11.416	66,18	1,80	27.497	1.242	4,33	0,20	19.652	11,35
1980	746	187.293	0,12	31,20	350.296	30.046	58,34	5,00	30.829	1.283	5,13	0,21	27.978	14,94

Fonte: FIBGE — Censos Econômicos de 1940 e 1950, Censo Agrícola de 1960 e Censos Agropecuários de 1970, 1975 e 1980.

*₁ incluídas Pastagens Naturais e Plantadas.

*₂ incluídas Matas Naturais e Plantadas.

— = dados inexistentes.

PERFIL DA AGROPECUÁRIA SÃO-BORJENSE E AS TRANSFORMAÇÕES DECORRENTES DO PROCESSO DE DESPECUARIZAÇÃO

Esta parte do texto pretende delinear o perfil da atividade agropecuária no município de São Borja com base em entrevistas realizadas com agricultores e pecuaristas. Os quesitos da entrevista foram agrupados em três grupos de características internas da agricultura, a saber:

— característica (ou elementos) sociais associados à operação e gerência da atividade agrícola que dão resposta à questão “quem é o produtor?”;

— características (ou elementos) funcionais que respondem a indagação “como é produzido?”;

— características (ou elementos) de produção que interessam às questões “o que, quanto e para quem se produz?” (Diniz, 1984:57-108).

Procurou-se contemplar todos os quadrantes do município de São Borja e distâncias variáveis em relação à sede, na intenção de verificar se estes elementos (localização e distâncias) são responsáveis por tendências diferenciadas na atividade agropecuária.

Destaca-se que 40% das propriedades amostradas são classificadas como médias propriedades e 60% como grandes propriedades. Entre as grandes propriedades destacam-se algumas com mais de 1.000 ha (6), 2.000 ha (2), 4.000 (1) e 5.000 ha (2). Observa-se também que os médios estabelecimentos vêm se expandindo de maneira significativa, pois é neles que a lavoura empresarial está se desenvolvendo no município através da expressiva presença do arrendamento e da parceria.

Salienta-se, ainda, que 90% das propriedades são dirigidas pelos proprietários absenteístas, ficando sob os cuidados dos “capatazes” e “peões” e sendo visitadas semanalmente ou com mais frequência, pelo proprietário com o único objetivo de supervisionar os trabalhos agrícolas e/ou pecuários. Verificou-se que no município houve uma desconcentração no uso da terra, embora não se processasse o mesmo fenômeno com relação à propriedade. Isso ocorreu porque a lavoura empresarial, para se expandir, necessita de terras com características adequadas para a sua produção e uma significativa parcela dessas terras se distribui nas áreas ocupadas predominantemente com o latifúndio pastoril. Assim, pode-se concluir que a diminuição do tamanho médio dos grandes estabelecimentos no passado mais recente (a partir de 1960), não significa que seus proprietários estejam perdendo o monopólio da propriedade da terra. Na verdade, a lavoura empresarial deixa a propriedade da terra praticamente intacta, verificando-se apenas um rearranjo no uso do solo.

A maior parte da exploração da terra com pecuária é feita pelo proprietário (94,76%), sendo apenas 3,61% de responsabilidade de arrendatários e 1,63% de parceiros. Nas áreas utilizadas com lavouras, a parceria ocupa 60,56%

das terras seguida da exploração pelo proprietário 23,06% e pelos arrendatários 16,38%.

Quanto às formas de pagamento nos arrendatários, verificamos que 60% são feitos em dinheiro e 40% através de produtos, variando de 3 a 7 sacos/ha. Nos casos de parceria, 87,50% dos pagamentos são feitos em produtos (arroz, trigo, soja) numa porcentagem de 15% da produção total.

Outro fato que vem reforçar o caráter absenteísta dos proprietários de São Borja é que a maioria deles exerce outras atividades além da agricultura e/ou pecuária. Constatou-se que 43% dos entrevistados dedicam-se a outras atividades, sendo as mais encontradas: veterinários, agrônomos, advogados, comerciantes, funcionários públicos e outras; todas elas exercidas em São Borja.

A maioria dos entrevistados são sócios de uma ou mais cooperativas e Sindicatos. No município, destaca-se a presença de cinco (5) cooperativas: Cooperativas São-Borjense de Cereais Ltda — COOCEREAIS; Cooperativa Agrícola Imembuy Ltda.; Cooperativa Triticola São-Borjense Ltda. — cotriSAL; Cooperativa Regional de Lãs Missionieras Ltda. e Cooperativa de Crédito Rural de São Borja Ltda. — CREDIBORJA.

Os assalariados permanentes são os que se apresentam em maior número; 50% da mão-de-obra total utilizada nas propriedades amostradas. O predomínio dos assalariados permanentes no município ocorre principalmente pela atividade a ele ligada, ou seja, a pecuária. Esses trabalhadores, denominados peões, oscilam em torno de quatro a cinco num estabelecimento com 800 a 1.000 ha. Na agricultura, esse tipo de mão-de-obra se mostra significativo em áreas onde são cultivados o trigo/soja ou arroz, onde há a necessidade de constante plantio, colheita e preparação do solo, pois os períodos de entressafras são relativamente curtos. Esse tipo de mão-de-obra é utilizada também para o cultivo de pastagens artificiais de inverno (azevém, aveia e outros) ou permanentes no caso de capins de inúmeras variedades.

Os dois principais segmentos produtivos de São Borja (pecuária tradicional e lavoura empresarial) necessitam de formas diferenciadas de mão-de-obra que se justificam, fundamentalmente, pelas diferentes formas de organização da produção.

Os assalariados temporários perfazem 47% da mão-de-obra total das propriedades amostradas. As atividades a ele ligadas são, principalmente, a agricultura e, excepcionalmente, a pecuária.

A remuneração desta mão-de-obra é baseada no salário, e a contratação da mesma varia, podendo ser por dia, mês ou empreitada.

Somando-se a mão-de-obra assalariada (permanentes mais temporários), verifica-se que essa perfaz 97,53% do total da mão-de-obra utilizada nas propriedades entrevistadas.

Outra constatação que pode ser feita é que as fortes variações da demanda por mão-de-obra temporária ocorrem nos estabelecimentos médios (100-500 ha).

Desta maneira, pode-se perceber que é justamente nesse estrato de área que a lavoura empresarial do município se solidifica.

Essa articulação de assalariados temporários e permanentes se torna importante à medida que o uso da força de trabalho, principalmente a temporária, se constitui no principal sustentáculo do desenvolvimento do capitalismo no campo.

Constatou-se que o período de descanso da terra é relativamente curto devido ao tipo de produto nelas cultivados. A associação mais freqüente é o binômio trigo/soja e soja/arroz, praticados pela maioria dos agricultores.

Essa intensividade do uso é decorrente da fertilidade das terras — sendo áreas ocupadas anteriormente só com pecuária e, consideradas como das melhores do Estado, a agricultura ao penetrar nelas encontrou condições favoráveis para sua expansão através da mecanização intensiva. Deste modo, de acordo com a topografia, encontramos tipos distintos de cultivos, ou seja, nas coxilhas predominam as extensas lavouras de trigo e soja e, em número menor, milho, sorgo e linho e, nas várzeas, predomínio absoluto do arroz.

Os equipamentos agrícolas que aparecem com maior destaque em São Borja são os tratores, encontrados em praticamente todas as propriedades amostradas (96,67%), muitas delas possuindo mais do que um trator, atingindo, com isso, uma média superior a quatro (4) máquinas por propriedade. Cabe destacar a existência de propriedades com até onze (11) tratores. As colhedeiras são bastante significativas com uma média de duas (2) unidades por propriedade. Temos ainda a destacar os silos, galpões, armazéns e as trilhadeiras em menor número.

Essa mecanização intensiva, em São Borja, ocorre por uma série de fatores, entre os quais: *a*) o relevo suave e a presença de extensas várzeas; *b*) o grande tamanho das propriedades; *c*) a presença marcante do arrendamento e da parceria, que provoca essa mecanização, uma vez que o explorador da terra procura o máximo da produção, visando retornos compensadores que lhe permitam arcar com os elevados ônus do aluguel da terra; *d*) pela presença da lavoura empresarial, que traz no seu bojo todos os aspectos acima mencionados.

A tecnologia química (adubos, corretivos e defensivos) é também altamente utilizada. O adubo químico é, destacadamente, o insumo mais utilizado pelos produtores da área em estudo.

A maioria das propriedades amostradas (73,33%) fazem financiamentos para a lavoura, com a finalidade de custeio (compra de insumos industriais) e investimentos (compra de maquinaria).

Para a pecuária, os financiamentos são inexistentes e quando existiam, os juros eram muito altos, afirmam os pecuaristas.

Os rebanhos mais importantes, numericamente, são os bovinos e ovinos. Os demais (suínos e eqüinos) apresentam contingentes extremamente reduzidos.

Os pecuaristas entrevistados também mostraram-se unânimes em afirmar a necessidade de providências relacionadas a este setor, tais como: financi-

amentos por parte do governo para custeio de instalações e melhoria dos rebanhos; garantia de um mercado para a produção da carne; retirada dos preços mínimos, uma vez que esses só contribuem para o achatamento dos preços reais da carne.

Com o objetivo de inquirir os proprietários sobre os fatores que os direcionaram à mudança ou combinação da agricultura com a pecuária, nota-se que a maior parte dos que combinaram as atividades o fazem em decorrência da facilidade do crédito agrícola direcionado à agricultura nos anos do chamado "milagre brasileiro".

Cabe destacar que os fatores mencionados pelos proprietários geralmente eram mais do que um. Os mais freqüentes foram: amparo e incentivos governamentais; disponibilidade de áreas propícias à agricultura; falta de incentivos à pecuária, entre outros.

Quando indagados porque só permanecem com a atividade criatória, muitos foram categóricos em afirmar que a pecuária, bem explorada, dá mais lucro que a agricultura e não está tão sujeita às inconstâncias climáticas.

Para quem passou a praticar a agricultura e a pecuária, observou-se que houve diminuição nas áreas de pastagens, mas que o rebanho não diminuiu. Ao contrário, na maioria dos casos houve aumento do efetivo bovino. Deste fato, percebe-se a extensividade da pecuária no município, pois, embora a pecuária recue em área, o plantel continua aumentando ou, pelo menos, é mantido constante. Isto é decorrente de um processo mais ou menos recente, na procura da maior racionalização da pecuária, visando sua combinação com a agricultura. Deste modo, o poder de resistência dos pecuaristas tradicionais advém do monopólio da terra, que permite ao fazendeiro jogar um duplo papel: como produtor, procurando colocar sua produção nos mercados interno e externo, e como proprietário, oferecendo parcialmente sua terra para arrendamento ou parceria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão da lavoura empresarial sobre terras vinculadas à pecuária é conseqüência do esgotamento da fronteira agrícola, em termos de apropriação. Como se pôde constatar pelos dados apresentados, no Rio Grande do Sul, e, principalmente, em São Borja, o segmento pecuário (campos naturais, pastagens cultivadas, restevás, campos de rodízio e capoeiras) ocupa a maior parte das unidades de produção.

No Rio Grande do Sul e em São Borja a penetração da forma capitalista de produção vem desvinculando a propriedade de uso da terra. Deste modo, embora a fronteira de apropriação da terra estivesse definida, as alternativas para sua utilização não se haviam esgotado. O avanço do capitalismo no campo transforma, assim, a estrutura de uso, mantendo praticamente intocada a estrutura de propriedade. A despecuarização é, então, espacial, porquanto

há o desenvolvimento da exploração da terra de negócio que se concretiza no arrendamento e na parceria.

O processo de despecuarização em São Borja é decorrente de quatro (4) fatores principais: (1) a disponibilidade de áreas propícias à agricultura amplamente mecanizada (essa condição favorável deve-se à topografia suave da área e à fertilidade dos terrenos); (2) a necessidade de diversificar a produção, no sentido de proporcionar alternativas ao proprietário da terra face às instabilidades climáticas; (3) a euforia do chamado "milagre brasileiro" que proporcionou grande produtividade física do trigo e da soja no município atuando assim como elemento propulsor para a expansão da lavoura empresarial em São Borja; (4) a falta de subsídios governamentais a que está relegada a pecuária, fazendo com que o pecuarista, através da cessão do solo, obtivesse outras formas de lucro.

Outra constatação que pôde ser feita é que a maior demanda por terras para alugar em São Borja ocorreu a partir de 1960. Esse fato demonstra que esse ano marca mais acentuadamente o início do processo de despecuarização do município, embora em períodos anteriores (desde 1940) a agricultura já se fizesse presente. É com o binômio trigo/soja que São Borja passa a ampliar realmente as áreas com lavouras temporárias.

Todo o processo de despecuarização espacial e modernização da agricultura verificado em São Borja encontra-se atrelado ao modelo político-econômico nacional.

Verificou-se também que o desenvolvimento capitalista no campo (penetração da lavoura empresarial) não levou à diminuição da pecuária no município. Este fato demonstra a extensividade deste subsetor econômico. Entretanto, num passado mais recente, a partir de 1960, a pecuária tem procurado se modernizar através de melhoramentos das pastagens, seleção das raças, inseminação artificial, vacinas, confinamento e outras alternativas para aumentar ou, pelo menos, manter a produtividade do plantel bovino. No município, destacam-se as cabanhas como centros de pecuária intensiva, e generaliza-se para o restante o predomínio de uma pecuária semi-extensiva, embora sejam encontradas áreas de pecuária tradicional que têm descoberto formas de articulação com o processo de acumulação dominante.

Outra conclusão que pode ser destacada é que o cultivo da soja, responsável pela expansão da lavoura temporária em São Borja, principalmente alternada ao trigo, a partir de 1980 tem entrado em declínio tanto em área como em produção. Do que se deduz que, passado o "boom" da soja proporcionado pelo modelo econômico imediatista e exportador, essa cultura começa a apresentar recuos ocasionados principalmente pela diminuição dos subsídios governamentais (fato constatado pelo descontentamento dos sojicultores do município).

Ressalta-se também que, mesmo tendo penetrado em áreas predominantemente de pecuária, os cultivos temporários a elas não se associaram,

mantendo-se como atividade independente e diferenciada na estrutura agrícola do município.

BIBLIOGRAFIA

- CARRION JR., F.M. RS: *Política Econômica e Alternativas*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1981. 136 p. (Série Documenta, 7).
- DINIZ, J.A.F. Os elementos internos da Agricultura. In: _____. *Geografia da Agricultura*. São Paulo, Difel, 1984, p. 57-108.
- _____. Fundação de Economia e Estatística. A agricultura no Rio Grande do Sul. *25 Anos de Economia Gaúcha*. Porto Alegre, FEE, 1978, 3v.
- _____. *A Produção Gaúcha na Economia Nacional*. Porto Alegre, FEE, 1978, Tomo I e II.
- KUCHEMANN, B.A. *O Minifúndio Gaúcho: ajuda técnica com alternativa?* Porto Alegre, Escola Superior de Teologia, São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1980. 251 p.
- PÉBAYLE, R. O centro do planalto rio-grandense: uma região rural em mutação. *Boletim Geográfico do RGS*. Porto Alegre, Ano 16, 14:44-55, 1971.
- _____. A vida rural na Campanha rio-grandense. *Boletim Geográfico do RGS*. Porto Alegre, Ano 16, 14:36-43, 1971.
- PESAVENTO, S.J. *História do Rio Grande do Sul*. 2ª ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982. 141 p. (Série Revisão, 1).
- TAMBARA, E. RS: *Modernização e Crise na Agricultura*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983. 95 p. (Série Documenta, 16).

ABSTRACT

(São Borja: Changes in the rural space: the substitution of cattle breeding for agriculture culture.

The aim of this paper is to demonstrate the relationships between the agricultural and cattle breeding activities in the municipality of São Borja (State of Rio Grande do Sul). The authors focus the investigation on three items:

- a) identification of the time reference for the starting point of the process of change from cattle breeding to agriculture;
- b) definition of the relationships between that change and the widespread of entrepreneurial agriculture;
- c) valuation of the spatial and economic role of that process in the municipality of São Borja.